

Sagacidade, argúcia e lupa

Como se fosse um retrato, este novo livro de Rodolfo Ilari desvela, para o leitor, tanto a linguagem em seu uso quanto o autor que a persegue armado de sagacidade, argúcia e lupa: não lhe escapam as filigranas dos sentidos sobre as quais passamos os olhos complacentes e cooperativos, construindo nossas compreensões e nossas respostas sem aperceber-nos dos recursos lingüísticos utilizados pelo locutor e daqueles por nós próprios manuseados na apreensão dos sentidos. Atentos aos objetivos da interlocução, e por eles iluminados, vamos em busca dos sentidos que julgamos pretendidos, mesmo quando estes parecem esconder-se por trás de outros sentidos que precisamos deslocar como se fossem véus que recobrem o sentido desejado. Às vezes, no entanto, os sentidos que construímos não correspondem aos sentidos pretendidos e somente então, quando uma “interincompreensão” se instaura, retornamos ao material lingüístico manuseado para refazermos os caminhos das significações.

Colecionando vasto material lingüístico – recortes de jornais, piadas, exemplos e exercícios com situações reais ou imaginadas – “fiel aos seus problemas favoritos”, o autor vai permitindo ao leitor encontrar na materialidade da linguagem em uso “diversos pontos de paradas” em que o processamento dos sentidos pode deslizar para a incompreensão, ou, em outras palavras, fazendo perceber os sentidos outros a que não damos importância, mas que estão no dito ou no dizer como virtualidades, sempre capazes de se projetarem sobre a interlocução em curso, produzindo, no mínimo, sentidos dispartados.

É por isso que este é um livro que permite refletir sobre a linguagem, propondo práticas que se sustentam sobretudo nas capacidades intuitivas dos falantes que, orientados pela reflexão proposta, reconhecem na linguagem suas possibilidades de significar e, ao mesmo tempo, aprendem sobre a linguagem em função das rubricas sob as quais os fenômenos são agrupados. Nesse sentido, este não é um livro que ensina um conjunto de conceitos com os quais falar sobre a linguagem, mas um livro que ensina a refletir sobre os recursos lingüísticos em seu funcionamento para extrair da reflexão um conhecimento sobre a linguagem. Cada tema é tratado a partir de um objetivo explicitamente exposto, a questão sumariamente caracterizada, sem qualquer pedantismo acadêmico ou pretensão de especialista. Mas o que singulariza este livro é o conjunto de reflexões que o autor faz e leva a fazer sobre os recursos lingüísticos. É, portanto, um livro sobre “práticas de análises lingüísticas” organiza-

das e sistematizadas a partir de um ponto de vista particular, aquele de que se apreende sobre a língua à medida que sobre ela se reflete.

É nesse sentido que este livro é também um retrato de seu autor, ou, especificando melhor, um retrato das posições que o autor tem tomado na discussões a respeito do ensino da língua.

Já em 1973, em nota prévia à edição portuguesa de sua adaptação (somente a modéstia do autor registra como “tradução” o trabalho de adaptação que realizou) de *Linguistique et enseignement du français*, de Émile Genouvrier e Jean Peytard, para *Linguística e Ensino do Português* (Livraria Almedina, Coimbra), Rodolfo Ilari registrava que há mais de trinta anos era duvidosa a legitimidade dos objetivos de acesso à expressão “correcta e castiça” através das técnicas de análise histórica e filológica de textos clássicos, em função da mudança dos sujeitos que passaram a freqüentar as salas de aula depois de uma generalização do acesso à alfabetização. Já então afirmava que “nossa geração assistiu à decadência progressiva da análise, à revalorização da leitura e exposição oral, de tentativas por correlacionar o aprendizado da língua falada e escrita com a prática de processos comunicativos não-verbais”.

Muita água correu sob a ponte depois dos anos 1970. Como conteúdos escolares, as práticas de leitura e de produção de textos sobrepuaram-se às análises gramaticais da língua. A discussão ferrenha entre aqueles que defendiam o ensino de gramática tradicional e aqueles que lhe opunham reflexões fundamentadas nas pesquisas lingüísticas muitas vezes escondia, sob o manto do ensino ou não-ensino da gramática, a questão mais ampla do preconceito lingüístico, da insuportável aceitação de variedades lingüísticas que “fugiam da norma”. Para este embate, Rodolfo Ilari contribuiu não só por seu magistério como professor e formador de lingüistas, mas também como autor constante de textos que circularam pelo Brasil – penso por exemplo em seu “Uma nota sobre a redação escolar”, posteriormente incluído em sua coletânea *A lingüística e o ensino da língua portuguesa*. Sua presença nas discussões sobre o ensino importava tanto pelos temas e adequados tratamentos com que fecundava o debate, quanto por sua assinatura de pesquisador reconhecido mostrando que o tema do ensino não era uma questão menor ou apenas o espaço de diletantes ou políticos militantes.

Assentada a poeira dos anos 1980, reconhecidas as vantagens e desvantagens de um ensino de língua materna deslocado da ênfase na análise de textos clássicos ou na aprendizagem de conceitos com que falar sobre a língua, Rodolfo Ilari retorna com este livro exemplar, em que a reflexão sobre a linguagem em seu funcionamento mostra ao seu leitor os inúmeros caminhos do trabalho possível com os recursos lingüísticos disponíveis.